

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

Aline Wivian Santos Silva

O fim cantado: amor e leveza em uma canção de Rita Lee

MACEIÓ

2023

Aline Wivian Santos Silva

O fim cantado: amor e leveza em uma canção de Rita Lee

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas como requisito para a graduação em Letras-Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susana Souto Silva

MACEIÓ

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M528e Silva, Aline Wivian Santos.

O fim cantado: amor e leveza em uma canção de Rita Lee / Aline Wivian SantosSilva. – 2023.
28 f.

Orientadora: Susana Souto Silva.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) – UniversidadeFederal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 27-28.

1. Lee, Rita, 1947-2023. 2. Amor. 3. Canção. 4. Leveza. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Durante esses anos de graduação, muitas pessoas, direta e indiretamente, contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto estudante e, também, como ser humano. Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Segundamente, agradeço à minha família, meu maior tesouro, essa vitória é nossa.

Aos meus amigos de graduação, Rafael, Sarah Felícia, Sarah Lins e Jean, obrigada por tornarem a minha vida na universidade mais leve, vocês colocaram sol em dias nublados. Agradeço ainda a Letycia Aleixo, minha grande incentivadora, suas palavras me encorajaram a continuar nessa caminhada; obrigada, você fez parte disso desde o começo. A todas/os vocês, gratidão por sempre estarem ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo deste percurso.

Em especial, quero agradecer a Emmilly, Bárbara e Beatriz, minhas irmãs de alma. Jamais conseguiria expressar em palavras minha eterna gratidão, contudo, um trecho dacanção “Um amor puro” (1999), do Djavan, consegue resumir bem esse sentimento: “Aqui ounoutro lugar/ Que pode ser feio ou bonito/ Se nós estivermos juntos/ Haverá um céu azul”.Sou eternamente grata pela nossa amizade, por todo o companheirismo e cumplicidade, com vocês ao meu lado eu sei que posso tudo.

Além disso, quero agradecer a minha grande amiga e irmã, Raquel Ribeiro, você dá cor à minha vida. Agradeço ainda a Clara Leone, o presente mais precioso que 2023 poderia me dar. À minha psicóloga, Janaina Costa, meu muitíssimo obrigada, você foi fundamental nessa reta final, com todo seu apoio e incentivo.

Sou imensamente grata à minha orientadora Susana Souto, que é minha grande inspiração como professora e como mulher, foi através de suas aulas que tive certeza que estava no caminho certo. Obrigada por todo apoio, paciência e dedicação, com você aprendi a enxergar poesia nas pequenas coisas. Agradeço, também, à todas/os minhas/meus professoras/es do curso de Letras, vocês foram essenciais.

Por fim, a conclusão deste trabalho significa a realização de um sonho, bem como o impulso para alcançar novos objetivos. Sou completamente grata por todas as etapas que vivi

ao longo desses anos de graduação, todos os momentos contribuíram para a minha construção no âmbito profissional e pessoal. Ademais, agradeço a Universidade Federal de Alagoas por ter transformado a minha vida, a educação me salvou! Gratidão.

Depois da estrada
começa uma grande avenida
No fim da avenida
Existe
uma chance
uma sorte
uma nova saída

Rita Lee, "Coisas da vida" (1976)

RESUMO

Pensar o amor como uma crença, isto é, algo não-natural, nos faz refletir sobre o percurso desse sentimento, construído cultural, social e historicamente, há muito tempo. As pessoas desejam o amor em suas vidas porque foram induzidas a acreditar que só serão felizes por completo quando alcançarem esse sentimento, que está constituído como algo complexo em nossa sociedade, de modo que não podemos negar a importância do amor, em nosso mundo, nem tampouco suas ações, visto que, para o ser humano, a realização desse sentimento representa uma enorme satisfação pessoal, ao mesmo passo que também pode ser a causa de grande tristeza. Partindo disso, este trabalho tem como foco a análise da canção “A Favorita”, do álbum *Balacobaco* (2003), de Rita Lee, através da análise dessa canção narrativa a partir da reflexão acerca das relações entre o ato de amar e os efeitos que essa ação pode resultar. O objetivo desta pesquisa é identificar de qual forma se dá a construção da eu lírica em canções que abordam o amor, recusando-se a seguir a tradição da “coita do amor cortês”, ou seja, do amor como experiência marcada pelo sofrimento. O estudo tem como fundamento teórico-metodológico teorias literárias que investigam o assunto em questão, assim como a biografia da cantora (TRANCREDI, s.d.); bem como teóricos que estudam o amor como Jurandir Freire da Costa (1998), e ainda Luiz Tatit, com o livro *O cancionista*, trazendo um estudo sobre a música popular brasileira. Será ainda referido o ensaio “Leveza”, do livro *Seis propostas para o próximo milênio*, de Italo Calvino (1990). Neste ensaio, o autor discorre acerca de duas tendências na literatura: 1) uma linguagem dotada de peso; 2) uma linguagem leve, que flutua sobre as coisas como uma nuvem (1990). Este estudo tem como instrumento de análise a segunda tendência de Calvino no que se refere à temática amorosa, refletindo, sobretudo, no estilo da linguagem que Rita Lee usa para compor suas canções. Foram ainda lidas e assistidas entrevistas dadas pela cantora, disponíveis na internet.

Palavras-chave: Amor; Rita Lee; Canção; Leveza

ABSTRACT

Thinking about love as a belief, that is, something unnatural, makes us reflect on the trajectory of this feeling, constructed culturally, socially and historically a long time ago. People desire love in their lives because they have been induced to believe that they would only be completely happy when they achieved this feeling, which is constituted as something complex in our society, so we cannot deny the importance of love in our world, neither do their actions, since, for human beings, the realization of this feeling represents an enormous personal satisfaction, at the same time that it can also be the cause of a great sadness. Based on this, this work focuses on the analysis of the song "A Favorita", from the album *Balacobaco* (2003), by Rita Lee, through the analysis of this narrative song based on the reflection of the relationships between the act of loving and the effects that this action can result. The objective of this research is to identify in which ways construction of the lyrical-voice occurs in songs that tematizes love, refusing to follow the tradition of the "courtly love thing", that is, of love as an experience marked by suffering. This study has as its theoretical-methodological foundation literary theories that investigate the subject in question, as well as the singer's biography (TRANCREDI, n.d.); as well as theorists who study love such as Jurandir Freire da Costa (1998), and even Luiz Tatit, with the book *O Cancionista*, bringing a study on Brazilian popular music. The essay "Lightness", from the book *Six proposals for the next millennium*, by Italo Calvino (1990), will also be mentioned. In this essay, the author discusses two trends in literature: 1) a language with weight; 2) a light language, which floats over things like a cloud (1990). This study uses as an instrument of analysis Calvino's second tendency regarding love themes, reflecting, above all, the style of language that Rita Lee uses to compose her songs. Interviews given by the singer, available on the internet, were also read and watched.

Keywords: Love; Rita Lee; Song; Lightness

SUMÁRIO

1. Acordes iniciais	8
2. Vida e obra da rainha do rock brasileiro.	10
3. A tradição do amor como sofrimento	13
4. Processo melódico: as várias formas do dizer	15
5. Anjo encarnado.....	18
6. Acordes finais.....	24
Referências	27

1. Acordes iniciais

Esta pesquisa nasceu durante as aulas da disciplina Tópicos Especiais em Estudos Literários, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Susana Souto. A disciplina explorava as diferentes perspectivas do amor na literatura. No decorrer da eletiva, analisamos algumas canções e notei que a presença da temática amorosa é muito frequente, no entanto, a maior parte das narrativas musicais são manifestadas com um grande teor dramático, remetendo a uma ideia de dependência, principalmente da figura feminina. Em diálogos com a minha orientadora, percebi, também, que em contraposição a essa associação do amor como objeto de sofrimento, a cantora e compositora Rita Lee traz uma concepção amorosa mais leve, apontando outras perspectivas para o amor e o fim dele. Portanto, esta pesquisa pretende se concentrar na representação do amor conforme a ideia de Rita Lee sobre o assunto.

No primeiro capítulo deste estudo, irei discorrer sobre a vida e obra da cantora, mostrando um breve panorama acerca da sua vida pessoal e profissional.

No segundo capítulo, explorarei o álbum *Balacobaco* (2003), verificando a ligação dos recursos visuais com as faixas do disco.

No terceiro capítulo, farei a análise da canção *A Favorita*, presente no álbum *Balacobaco* (2003), de Rita Lee, com base no livro *Sem Fraude Nem Favor: Estudos Sobre o Amor Romântico*, de Jurandir Freire Costa. O objetivo do trabalho é refletir sobre o amor, partindo da perspectiva da cantora Rita Lee, com foco na canção “A favorita”, do seu trigésimo primeiro álbum, *Balacobaco*.

Durante o processo de escrita dessa pesquisa, o mundo estava enfrentando um momento extremamente difícil, a pandemia da COVID - 19. Jamais conseguiria expressar em palavras o quanto essa crise nos afetou, foram milhares de vidas perdidas, sonhos interrompidos, histórias apagadas e um trauma que iremos carregar por muito tempo. Acredito que ainda não consigo mensurar de fato o tamanho do dano que isso me causou e que preciso lidar, hoje e futuramente. Então, todo esse caos prejudicou completamente o meu desenhoneste trabalho, precisei de muito tempo para ao menos retomar um pouco do fôlego que sobrou, isso tudo ficou ainda mais difícil sem o contato físico com os meus colegas de graduação. Não ter o afeto e apoio constante deles durante nossa rotina na universidade foi um dos pontos que mais pesaram, perder o calor humano dos meus amigos me deixou totalmente perdida.

Concluir esse projeto é, para mim, uma vitória inenarrável. Estudar sobre o amor e a vida e obra de Rita Lee foi um dos presentes mais lindos que a graduação me deu. Entre o início e o fim desse percurso de pesquisa, Rita Lee faleceu. Sei que uma artista imensa como ela não morre, pois permanece viva em nossa memória e em nossas vidas. Espero que a leitura deste texto contribua para os estudos sobre a temática amorosa e, acima de tudo, consiga mostrar que o amor pode ser leve, que ele deve ser leve, assim como Rita Lee expressa em suas canções.

2. Rita Lee: um pouco da vida e da obra da rainha do rock brasileiro

Rita Lee Jones de Carvalho nasceu na cidade de São Paulo, no dia 31 de dezembro de 1947. Seus pais, Charles Fenley Jones, dentista e imigrante norte-americano e Romilda Pádua Jones, pianista e também filha de imigrantes, tiveram mais duas filhas: Mary Lee Jones e Virgínia Lee Jones. Assim como fez durante toda sua vida, a cantora e compositora sempre estava escancarando os tabus, começando por se tornar uma das primeiras mulheres a tocar guitarra em um palco, instrumento tachado como masculino.

Com seus pais e mais duas irmãs, a cantora passou grande parte de sua vida morando no bairro da Vila Mariana, zona sul de São Paulo. Quando criança, aspirava ser médica, atriz ou dentista, chegando a iniciar o curso de Comunicação Social na USP, em 1967, mas já no segundo semestre percebeu que aquela não era sua vocação. Poliglota, Rita fala português, inglês, francês, italiano e castelhano, e só começou a se interessar pela música em sua adolescência, período que compôs sua primeira canção. (NORONHA, 2023).

Ao longo dos seus mais de 50 anos de carreira, a cantora passou por alguns grupos musicais, como *Teenage Singers*, *Six Sided Rockers*, *Os Mutantes* e *Tutti Frutti*. Em 1974, Rita conheceu Roberto de Carvalho, com quem criou uma parceria musical. Aderindo ao estilo de música POP, a dupla fez sucesso dentro e fora do país, conquistando o público com grandes sucessos como o álbum *Rita Lee*, mais conhecido como *Mania de Você*. Mais tarde, essa parceria profissional também se tornou amorosa e durou até o falecimento da cantora, no dia 8 de maio de 2023. O casal teve três filhos, Belo Lee, João Lee e Antônio Lee. Em 1990, após o álbum *Rita Lee e Roberto*, a cantora segue carreira solo.

Considerada uma das maiores representantes do rock no Brasil, Rita Lee possui uma carreira com diversas premiações e uma discografia gigantesca. *Build UP* (1970), *Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida* (1972), *Refeitança* (1977), *3001* (2000), *Reza* (2012), fazem parte dos 44 álbuns que compõem a longa carreira da cantora. Contudo, esta pesquisa tem como corpus de análise o álbum *Balacobaco*, lançado em 2003.

Balacobaco é o trigésimo primeiro álbum lançado pela cantora em outubro de 2003, produzido por Roberto de Carvalho, através das gravadoras Som Livre e Biscoito Fino, antecedido pelo disco *Aqui, Ali, em Qualquer Lugar* (2001). *Balacobaco* possui doze faixas inéditas: “Amor e sexo”, “A Fulana”, “As Mina de Sampa”, “Copacabana”, “Balacobaco”, “Já Te Falei”, “Nave Terra”, “A Gripe do Amor”, “Tudo Vira Bosta”, “Eu e Mim”, “Over The Rainbow”, “Hino dos Malucos”. Sete faixas são de autoria de Rita e Roberto, as outras cinco se distribuem entre grandes nomes como Arnaldo Jabor (Amor e sexo); Arnaldo Antunes,

Carlinhos Maia e Marisa Monte (Já Te Falei); Moacyr Franco (Tudo Vira Bosta); Alexandre Machado, Fernanda Young, Rita Lee e Roberto de Carvalho (Hino dos Malucos; além da releitura de Over The Rainbow, de H.Y Harburg. A obra foi indicada ao Grammy Latino na categoria de Melhor Álbum de POP Contemporâneo Brasileiro e pouco menos de um mês de lançado, conquista o Disco de Ouro.

Em sua capa, o disco traz uma diversidade de elementos visuais que compõem um relicário, reproduzido pela artista Inés Zaragosa. A variação de cores no relicário, previamente, já sugere a multiplicidade do álbum, ao passo que os elementos visuais remetem uma ideia de mistura, apresentando uma variedade de cores vivas, também sugerem, ao que poderia ser, um misto de sentimentos presentes na obra, além de um variado gênero musical. Em entrevista, Rita diz que a linguagem do disco é POP, mas que a identidade autoral/musical é totalmente “Lee/Carvalho”, fazendo referência ao marido e parceiro de trabalho. (GUTIERRI, 2003).

Dessa forma, além da linguagem POP, o CD percorre alguns outros gêneros, bem como aborda diferentes temas, passeando, também, pelo campo dos sentimentos, conforme explica GUTIERRI (2003): “Rita Lee preserva o rock como essência, mas bebe na fonte da música eletrônica, da popular, dos Tribalistas”. Sendo assim, a relação das cores com a temática do disco é, sobretudo, uma ferramenta na construção de sentidos. O relicário repleto de informações e cores vivas introduz a ideia que Rita pretende passar, isto é, um álbum totalmente pluralizado.

O título do álbum é uma expressão com origem africana, vinda de Zimbábue, país sem saída para o mar do sul da África. *Balacobaco* significa “excelente”, “excepcional”, “incrível”, era um cumprimento que as pessoas usavam, queria dizer “meu amigo”, “meu velho”. A gíria ficou em evidência nos anos 30, chegando a dar nome a uma canção do sambista Ary Barroso. SANCHES (2003) conta que o título vem de uma expressão usada pela cantora Aracy de Almeida. “Aracy criou a expressão porque não era de bom-tom para uma rainha dizer que algo ou alguém era “do cacete””, explica Rita em entrevista. A escolha do título manifesta o amor de Rita pelos humores feministas, sobretudo a luta das mulheres para alcançar a liberdade, seja na vida profissional, pessoal ou na linguagem.

A ideia de diversidade presente no disco foi construída através de elementos visuais e sonoros, a escolha da capa e do título vão de encontro às faixas do álbum. O amor é um dos assuntos predominantes na obra, a cantora fala sobre a temática amorosa em perspectivas diferentes em “A Fulana”, “Gripe do Amor” e “Amor e Sexo”, já em “As Minas de Sampa” e “Copacabana”, prevalece o sentimento – de maneira diferente – às duas cidades, São Paulo,

sua terra natal, e Rio de Janeiro, lugar que a cantora admira bastante. Vale ressaltar que a faixa “A Fulana”, é uma versão da canção “Namoradinha de Um Amigo Meu” (1966), de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, enquanto “As Mina de Sampa” é uma resposta à “Toda Menina Baiana”, de Gilberto Gil, segundo (LEITÃO, 2004). O amor, no entanto, não é o único assunto do álbum, Lee também aborda questões sociais. Na faixa-título, uma empregada conta sua rotina pesada e difícil. Utilizando humor e uma linguagem sarcástica, Lee aborda questões de extrema importância para a sociedade. Assuntos como os direitos das mulheres é uma pauta presente nas obras da rockeira. Já em “Nave Terra”, a cantora faz uma espécie de culto à natureza, enquanto “Tudo Vira Bosta” retoma o cenário de vida dura trazida na faixa-título. (LEITÃO, 2004).

Dessa forma, as relações entre capa e título estão inteiramente ligadas ao conteúdo do disco. Nas faixas, os assuntos abordados foram tão diversificados quanto as ferramentas usadas para, antes de chegar à sonoridade – elemento final –, deixar entre linhas a essência da obra. No entanto, esta pesquisa pretende se concentrar na canção “A Fulana”, segunda faixa do álbum.

3. A tradição do amor como sofrimento

A tradição do amor como experiência marcada pelo sofrimento ganha mais força no período do Romantismo, movimento literário que surge no Brasil poucos anos depois da independência do país, que ocorreu em 1822. Em grande parte desse movimento, o amor foi tratado como elemento central para pensar as relações entre as personagens e também da personagem com o mundo. Não raro, é o amor que conduz a trama narrativa no romance e é tema central do poema lírico, de tal modo que muitas pessoas, ainda hoje, confundem romantismo e amor, ou pensam que todo amor é necessariamente romântico. No romantismo, a solução para a angústia causada pelo sentimento amoroso era, muitas vezes, o suicídio, a morte era vista como uma fuga da realidade, só assim se tornava possível o fim dessa dor, sendo um dos seus livros mais célebres *Os sofrimentos do jovem Werther*, do escritor alemão Goethe, estruturado dessa forma. Jurandir Freire Costa, em seu livro *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* (1998), diz que a figura idealizada do amor está profundamente enraizada no pensamento ocidental, no sentido do amor como algo Bom, Belo e Verdadeiro, a partir da Grécia antiga, com Platão e principalmente com a sua obra *O banquete*. Tal obra é apontada como a grande fonte do mito amoroso no Ocidente. O amor que é apresentado de diversas perspectivas em *O banquete*, em duas delas, é descrito como um sentimento que nasce da falta, da incompletude e aspira à completude. No entanto, Sócrates postula que o amor deve ser um sentimento voltado para a reflexão, o verdadeiro amor, portanto, na perspectiva socrática, é o amor ao conhecimento, que se confunde necessariamente com a verdade, e não o amor como um sentimento voltado aos impulsos, desejos e descontroles intrínsecos à natureza humana. Para Platão, o amor verdadeiro é aquele que se confunde com a reflexão filosófica e afasta o ser humano dos enganos do mundo empírico. No entanto, a noção que se difundiu de amor platônico tende a identificá-lo não como amor à verdade e ao conhecimento filosófico, mas como amor impossível de ser realizado no plano empírico, o que de modo algum condiz com a concepção platônica de amor, como destaca José Américo Mota Pessanha, em "Platão: as várias faces do amor".

Entretanto, com uma nova visão do Eros, Sócrates aparece trazendo uma ideia de amor completamente diferente aos amores do romantismo, como diz o autor: "Amor é visto como uma resposta humana ao reconhecimento prévio do verdadeiro Bem e da verdadeira Beleza, estes, sim, valores permanentes aos quais o homem sábio deve aspirar" (COSTA, 1998, p.37). Portanto, o verdadeiro amor começa a ser associado a algo permanente, tanto no

objeto quanto no sujeito e, por conseguinte, o ideal amoroso de Platão é posto em um patamar mais baixo.

Contudo, o pensamento platônico começa a ressurgir com a chegada das comunidades cristãs. A ascendência do amor Caritas, amor dedicado a Deus e para Deus, permitiu o ressurgimento da teoria platônica, e com isso, Santo Tomás de Aquino revive as principais crenças amorosas da antiguidade. Nessa crença o amor verdadeiro é o amor de algo previamente conhecido, o verdadeiro bem, e a felicidade está no encontro contemplativo com este bem que é Deus. (COSTA, 1998, p.38). Logo, esse sentimento que transcendia o mundo e aspirava a eternidade foi esquecido, dando lugar a comercialização do amor. Nesse período ocorreu a troca de Deus pela dama, possibilitando o ganho de dinheiro com essa coisificação do amor, através dos dotes.

Sob a ótica da leveza (Calvino, 1990), fugindo de todos os padrões da sociedade, Rita Lee traz em suas canções um sujeito poético feminino que não assume lugar de vítima mesmo dentro de uma sociedade marcada pelo machismo, na qual as mulheres suportam o fardo mais pesado, limitadas a tudo. A tradição do amor e a forma como ele foi construído é totalmente o oposto do que Rita transmite em suas obras. A cantora amplia nossa percepção amorosa apresentando uma ideia de amor mais desprendido, utilizando como recurso a letra, a harmonia, melodia e o ritmo, com esses elementos a compositora cria o que chamamos de expressão artística, possibilitando, assim, a construção de sentido que esta pretende passar.

Em *O cancionista*, Luiz Tatit fala sobre o trajeto da composição, os elementos necessários para fazer da canção uma extensão da fala. Rita soube muito bem criar harmonia entre melodia e texto, enxergando no horizonte a infinitude do amor, ela estendeu o campo da compreensão sobre tal assunto e mostrou que o sofrimento não precisa necessariamente estar ligado ao amor.

Segundo Calvino (1998, p. 22), a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do poeta. Portanto, bebendo dessa leveza e através de recursos linguísticos, a compositora coloca sua visão feminina acerca de assuntos polêmicos como o sexo, por exemplo, de maneira leve e muitas vezes bebendo, também, do humor.

Calvino (1998, p. 33) diz: “assim como a melancolia é a tristeza que se tornou leve, o humor é o cômico que perdeu peso corpóreo [...] e põe em dúvida o eu e o mundo, com toda a rede de relações que os constituem”. Fazendo piada de situações infelizes, Rita amplia nossa visão dentro da melancolia trazendo outras maneiras de enxergar o ocorrido, tudo por meio do humor e através de recursos linguísticos e melódicos.

4. Processo melódico: as várias formas do dizer

Partindo para o processo de composição, os recursos utilizados na letra e na melodia de uma canção são, sobretudo, ferramentas que o cancionista manuseia a fim de gerar um efeito no ouvinte. Este, por sua vez, com extrema habilidade e destreza, precisa equilibrar esses artifícios tal como um malabarista equilibra e agarra objetos atirados ao ar, assim como associa Luiz Tatit, em seu livro *O cancionista*.

O cancionista mais parece um malabarista. Tem um controle de atividade que permite equilibrar a melodia no texto e o texto na melodia, distraidamente, como se para isso não dependesse qualquer esforço. Só habilidade, manha e improviso. Apenas malabarismo. Cantar é uma gestualidade oral, ao mesmo tempo contínua, articulada, tensa e natural, que exige um permanente equilíbrio entre os elementos melódicos, linguísticos, os parâmetros musicais e a entonação coloquial. O cancionista é um gesticulador sinuoso com uma perícia intuitiva muitas vezes metaforizada com a figura do malandro, do apaixonado, do gozador, do oportunista, do lírico, mas sempre um gesticulador que manobra sua oralidade, e cativa, melodicamente, a confiança do ouvinte. (TATIT, 1996, p. 6).

No tocante a esse processo e tendo como base a temática amorosa, é por meio desses elementos melódicos e linguísticos que a cantora e compositora Rita Lee manipula as emoções do seu público. Trazendo a imagem de um amor que ecoa leveza, a qual a eu lírica não permanece no lugar de sofrimento e, principalmente, não enxerga o fim como algo ruim, a cantora oferece aos ouvintes uma outra forma de amar, isso já que ela usou uma outra forma de dizer. Para Tatit, (1996, p. 6), no mundo dos cancionistas não importa tanto o que é dito mas a maneira de dizer, e a maneira é essencialmente melódica.

Tatit trata a canção como uma forma artística única e ainda concebe palavra e tom dentro dessa mesma forma, individualizando a arte do cancionista por meio da junção de sequências melódicas e unidades linguísticas. Desse modo, a afluência desses dois recursos cria o que Tatit chamou de processo entoacional, em outras palavras, o sistema de arranjos que possibilita a construção de sentidos através de ferramentas da oralidade e da escrita.

O processo entoacional se dá por meio da manipulação de vogais, consoantes, fonemas, palavras, narrativas e assim por diante. Além disso, outro recurso desse processo está direcionado à melodia, que consiste na sequência de notas ou sons que se relacionam mutuamente a fim de formar uma linha melódica e harmoniosa. Portanto, a música, o melhor, o canto, é a frequência de vibração das notas emitidas pelo cantor, tudo isso dentro de um grande mecanismo que resulta na sensação e sentimentos que o cancionista pretende passar.

David Treece, autor de *Melodia, texto e o cancionista*, explica que no processo entoacional é gerado um efeito através das escolhas do texto e da musicalidade: “O efeito é o de desacelerar o movimento progressivo da melodia e atenuar os estímulos somáticos que conduzem às ações humanas, levando assim o ouvinte a identificar-se com um estado passional do “ser”, processo ao qual Tatit dá o nome de “passionalização”. (TREECE, 2004, p.8).

Treece (2004) explica que a passionalização e a tematização são dois sistemas que estão em extremidades diferentes. Enquanto a passionalização tende a caracterizar gêneros musicais como a modinha, o samba-canção, o bolero, o rock romântico e o brega, uma vez que favorece estados de tensão psicológica, geralmente associados à separação amorosa ou à busca de um objeto de desejo, a tematização promove o oposto com gêneros ligados ao movimento.

No outro extremo, o encurtamento das vogais e das frequências ocasiona uma correspondente ênfase na articulação rítmica e temática da melodia, pela acentuação e segmentação operada pelas consoantes. Através desse processo de “tematização”, a mobilização física do ouvinte é estimulada, o que é geralmente associado a gêneros de canções intimamente ligados à dança ou ao movimento — xote, samba, marcha, rock —, em que passa a valer a modalidade da ação ou o “fazer”. A tematização melódica presta-se naturalmente à tematização lingüística, ou seja, dá-se simultaneamente a materialização melódica e lingüística de uma idéia, como a exaltação de nações e tradições, a construção de personagens como a baiana, o malandro, ou a afirmação de valores universais tais como o bem e o mal, vida e morte, o prazer e o sofrimento. (TREECE, 2004, p.8).

Portanto, sob os efeitos da oralidade e escrita, por meio de processos melódicos como o entoacional, é possível refletir acerca de muitos assuntos. Rita coloca em pauta não somente essa ideia de amor entorpecido, mas também tudo o que constrói esse pensamento, isto é, a bagagem construída histórica e socialmente com todos os seus preconceitos e limitações, principalmente no que está relacionado a mulher. Consequentemente, a figura feminina sempre carregou o maior peso em relação a tudo na sociedade, e no amor não foi diferente. No entanto, a cantora sobrevém aos padrões quando fala abertamente em suas canções sobre a liberdade feminina, o prazer feminino e as diversas formas de amar e, especialmente, sobre a liberdade de viver mais de um amor.

Sendo assim, as várias formas do dizer de Rita Lee, só são possíveis porque existe um sistema musical e lingüístico capaz de promover sensações únicas de identificação no campo dos sentimentos do ser humano.

Compor uma canção é procurar uma dicção convincente. É eliminar a fronteira entre o falar e o cantar. É fazer da continuidade e da articulação um só projeto de sentido.

Compor é, ainda, decompor e compor ao mesmo tempo. O cancionista decompõe a melodia com o texto, mas recompõe o texto com a entoação. Ele recorta e cobre em seguida. Compatibiliza as tendências contrárias com o seu gesto oral. (TATIT, 1996, p. 11).

5. Anjo encarnado

O centro deste trabalho é a canção “A fulana”, do álbum *Balacobaco* de Rita Lee, lançado em 2003, produzido por Roberto de Carvalho, pelas gravadoras Som Livre e Biscoito Fino. Mesclando melancolia com humor, na faixa “A fulana”, Rita fala sobre o término de um relacionamento amoroso que teve um fim um tanto quanto surpreendente. Vale salientar, novamente, que essa canção é uma resposta à “Namoradinha de um amigo meu”, de Roberto Carlos, lançada em 1966, no disco *Roberto Carlos*. O cantor costumava compor com Erasmo Carlos (cantor, compositor, ator, músico, multi-instrumentista e escritor brasileiro), no entanto, dessa vez, a composição da canção foi inteiramente de Roberto Carlos. Por esse motivo, acabou gerando bastante polêmica na época. Acreditavam que a canção tinha sido um desabafo, que Roberto teria se envolvido com alguma namorada de Erasmo Carlos. Outras pessoas cogitaram a hipótese de se tratar do caso de Roberto Carlos com a modelo Maria Stella Splendore, esposa do estilista Dener Pamplona. A história de que o cantor e a modelo viveram um romance proibido foi confirmada anos depois pela própria Stella; em entrevista, a modelo contou que sempre soube que a canção havia sido feita para ela. (CANTO DA MPB, c2023). Diante disso, também analisarei, de forma breve, a “Namoradinha de um amigo meu”, tendo em vista que a canção foi a razão pela qual Rita Lee compôs “A fulana”, ponto central dessa pesquisa.

Balacobaco (2003) é um álbum autoral de Rita Lee, por esse motivo, o disco condiz completamente com a personalidade sarcástica da cantora. Em sua maioria, as faixas da obra correspondem mais a um gênero pop-dançante, característica essa que fica muito evidente, também, na canção “A fulana”, que será analisada mais adiante. (NASCIMENTO, 2004). No entanto, o mais curioso é que a canção retrata a narrativa de uma eu lírica que se encontra em situação de pós término, mas apesar disso, Rita coloca seu humor e sarcasmo para desenvolver a história e assim, mostrar que existem múltiplas e amplas formas de enxergar a situação.

Nesta parte da monografia, apresentarei a análise da canção “A fulana”, com base na concepção de Rita Lee sobre o amor. Ao longo desse processo, foram consideradas questões teóricas, bem como o pensamento da cantora acerca do assunto em questão, levantando aspectos sociais, morais e éticos. Contudo, antes colocarei a letra da canção “Namoradinha de um amigo meu”, de Roberto Carlos, para que fique mais entendível a resposta de Rita Lee, em “A fulana”.

Estou amando loucamente
 A namoradinha de um amigo meu
 Sei que estou errado
 Mas nem mesmo sei como isso aconteceu
 Um dia sem querer, olhei em seu olhar
 E disfarcei até pra ninguém notar

Não sei mais o que faço
 Pra ninguém saber que estou gamado assim
 Se os dois souberem
 Nem mesmo sei o que eles vão pensar de mim
 Eu sei que vou sofrer, mas tenho que esquecer
 O que é dos outros não se deve ter

Vou procurar alguém
 Que não tenha ninguém
 Pois, comigo aconteceu
 Gostar da namorada de um amigo meu
 Comigo aconteceu
 Gostar da namorada de um amigo meu

Não sei mais o que faço
 Pra ninguém saber que estou gamado assim
 Se os dois souberem
 Nem mesmo sei o que eles vão pensar de mim
 Eu sei que vou sofrer, mas tenho que esquecer
 O que é dos outros não se deve ter

Vou procurar alguém
 Que não tenha ninguém
 Pois, comigo aconteceu
 Gostar da namorada de um amigo meu
 Comigo aconteceu
 Gostar da namorada de um amigo meu

(NAMORADINHA DE UM AMIGO MEU, 1966).

No início da canção “Namoradinha de um amigo meu” (1966), configurada em cinco estrofes de seis versos que não têm regularidade métrica, temos um eu lírico masculino que se encontra “loucamente” apaixonado pela namorada de um amigo. Percebemos que logo após a declaração desse amor, surge rapidamente um sentimento de culpa, podemos constatar isso na passagem: “Sei que estou errado / Mas nem mesmo sei como isso aconteceu.” No decorrer do relato, o eu lírico parece preferir esconder o sentimento, mesmo sofrendo, porque não sabe o que eles — a namorada do amigo e o amigo — vão pensar. Então, a voz que fala na canção decide seguir sua vida e procurar alguém que não tenha ninguém, pois acredita que não se deve ter o que é dos outros, como diz no último verso da canção. Há, portanto, na vivência da experiência amorosa, nessa canção, a evocação de um vínculo com outra relação que se torna preponderante: a amizade. O sujeito poético mantém-se leal ao amigo, mesmo assumindo que

está "amando loucamente". A "loucura" referida no advérbio não o faz perder o bom senso, a capacidade de refletir e escolher manter a amizade, ao invés de investir no sentimento amoroso. Figura ainda na canção acima a noção de relação amorosa como posse. A namoradinha é do amigo, portanto, pertence ao amigo, o que é indicado no título e também em outros versos, como: "O que é dos outros não se deve ter". O sujeito poético vive sozinho seu sofrimento e não o demonstra, elaborando a confissão na canção como um lamento de perda do amor, mas ao mesmo tempo de celebração da amizade.

Em diálogo com a famosa canção de Roberto Carlos, um cantor e compositor de grande alcance popular, como é do conhecimento de todos, Rita Lee compôs "A fulana" (2003), em que temos a perspectiva de uma figura feminina, não mais de uma figura masculina, que está vivendo o fim de um relacionamento, ao mesmo passo que dá início a uma nova história. A voz lírica fala do lugar de quem foi abandonada, não de quem desistiu de declarar o seu amor, em respeito ao amigo, como na canção anterior. O amigo também figura nessa canção, mas de uma outra forma. É importante especificar que nas duas narrativas poéticas, aqui retomadas em diálogo, temos uma relação amorosa heterossexual, com um homem e uma mulher cisgênero. A canção de Rita Lee começa com a eu lírica fazendo um questionamento ao seu, agora, ex companheiro:

Quem mandou não ouvir seu amigo
 Pois ele tinha toda razão
 Você não quis ficar comigo
 Agora eu não quero mais não
 Olha, meu querido
 Seu amigo
 Me contou que uma fulana
 Assim do nada, de repente, apareceu
 No fim quem se deu bem fui eu
 (LEE, 2003).

Após o questionamento no primeiro verso, fica evidente que o motivo do término se deu pela aparição de outra mulher na relação, que seria a razão pela qual o namorado deixa a eu lírica e escolhe ficar com "a fulana", maneira como a canção se refere à mulher escolhida. O primeiro trecho da canção é marcado pela ironia e sarcasmo da eu lírica que, apesar de se encontrar em uma situação complexa, não permanece no lugar de "abandonada", não assume o tradicional lamento da vítima, pelo contrário, ela afirma que nessa história, quem se deu bem foi ela. Quando pensamos nos padrões de relacionamentos heterossexuais, principalmente há vinte anos, levando em consideração o ano de lançamento da canção, não

ficamos surpresos com casos parecidos com esse, em que muitas vezes há infidelidade da parte masculina. No entanto, não era comum — e acredito que ainda não seja — a personagem feminina se recusar a continuar nesse lugar de dor e ainda seguir sua vida.. Mas menos comum que isso, era a mulher entrar em um novo relacionamento em seguida e, ainda por cima, com o amigo do ex companheiro, num jogo narrativo em que a personagem feminina não se inscreve no lugar do sofrimento pelo abandono como vítima, lamenta, mas, como diz outra canção: "Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima".

No livro *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*, Jurandir Freire Costa faz uma análise a respeito do amor, propondo outro modo de pensar sobre a questão. Nele, o autor tenta desfazer algumas ideias de culpabilização pelos fracassos amorosos e condenação da paixão como desvario, bem como perceber o amor como uma crença emocional, a qual Jurandir declara que pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. (COSTA, 1998, p.12). Tendo em vista essa ideia de culpabilização pelos fracassos amorosos, citada por Jurandir, seria totalmente aceitável e mais comum que, diante da situação da canção, a mulher permanecesse nessa zona de culpa e fracasso, pensando na possibilidade até de ser a culpada pela escolha do companheiro. Porém, contrariando esse pensamento e tirando de si uma culpa inexistente, Rita coloca a eu lírica em uma posição de poder sobre sua própria vida, em que além de mostrar que quem saiu perdendo foi o namorado, ainda sai da situação com alguém melhor, ao que parece. Então, ao não realizar o ideal imaginário de amor com o companheiro, a eu lírica não se culpa e nem procura um culpado, o que é a reação mais habitual do ser humano nesses casos, como explica Jurandir:

No momento é isto que acontece. Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais, ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar. (COSTA, 1998, p. 34)

Ao compor essa canção, Rita Lee não só desmistifica essa ideia de dependência da figura feminina, mas, também, mostra que sempre existe uma outra forma de enxergar as coisas, chamando a nossa atenção para as múltiplas possibilidades de pensar e ressignificar a relação amorosa, fora dos estereótipos previstos. Contudo, aceitar o fato de que seu parceiro fez outra escolha e não se colocar no lugar de dependência, não anula o sentimento de tristeza da eu lírica diante da situação, isso fica mais evidente no próximo trecho da canção.

A vida tem disso
Na beira de um precipício
Eu tava lá

Querendo não querendo pular
 Na hora H um anjo chegou
 Me deu um beijo e se declarou
 Tchau pra você (A fulana, 2003).

Diante de vários sentimentos como a tristeza e decepção, a eu lírica chega a pensar na morte como fuga dessa realidade, pensamento esse que é uma característica marcante do movimento literário Romantismo. Enxergar o amor como uma crença emocional, como explica Jurandir Freire Costa no seu livro *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* (1998), é o primeiro passo para entender os motivos de ainda carregarmos os resquícios do amor cortês, ou seja, o fardo da associação do amor com o sofrimento.

À frente do precipício, a voz que fala na canção se depara com um anjo que a faz desistir de pular, dando tchau ao ex companheiro e a todo sentimento de tristeza que estava sentindo. Isto significa que a eu lírica escolheu amar outra pessoa, o que desfaz mais uma crença, a do amor natural e universal. Jurandir explica que fomos ensinados que o amor é universal e natural, algo que não escolhemos sentir e que foge do nosso controle, que só sentimos uma única vez, por uma única pessoa. A partir disso, crescemos com essa idealização de amor perfeito que, na maior parte do tempo, é o nosso objeto maior de frustração. Tal ideia é construída e alimentada desde a nossa infância. Isso não quer dizer que o amor romântico é desprezível, pelo contrário, é impossível viver sem emoções, e essas emoções podem ser a causa de grandes alegrias e prazeres. Então, para vivermos esse sentimento de maneira leve, é preciso desfazer as amarras do mito do amor.

No primeiro verso da canção, a voz poética fala que a vida tem disso, e mesmo diante da tristeza, essa afirmação traz uma sensação de leveza, como quem quer dizer que tudo passa, que o melhor está por vir. E assim aconteceu, a eu lírica é surpreendida pelo amigo do seu ex-namorado e escolhe viver esse novo romance, mostrando que o amor é uma escolha e não um sentimento incontrollável e irracional, algo construído pelos seres humanos, em situações concretas de vivências sociais, históricas e culturais, podendo, portanto, ser modificado, ser ressignificado, na arte e na vida. No último trecho da canção, Rita despeja um pouco mais de ironia fazendo algumas comparações entre os dois amigos.

Seu amigo é um cara bacana
 E sempre foi afim de mim

Você não, não, não pense
 Que é tão bom de cama
 Sua fama é assim, assim
 Você não sabe
 Você não é mau
 Mas seu amigo é bem mais legal
 E não esqueça que agora sou eu
 A namoradinha de um amigo seu
 (A fulana, 2003).

A canção termina com a eu lírica usando o título da canção de Roberto Carlos para validar seu novo relacionamento, estratégia muito bem articulada pela compositora paratornar ainda mais forte esse tom de “deboche” que perpassa toda a narrativa e que fica mais evidente no último trecho. Como já mencionado, essas ferramentas linguísticas são de suma importância no processo de composição, é através disso e dos recursos melódicos que são construídas as emoções que o cancionista pretende passar.

No que diz respeito a melodia de “A fulana”, Rita usou essa ferramenta para harmonizar linguagem e som dentro de um único propósito: mostrar que existem outros horizontes depois do fim. O processo melódico de “A fulana” foi construído em escala maior, isto é, com acordes maiores, que faz a música ser considerada feliz. A melodia alegre contrasta com a história da canção, que de antemão é triste, porém, com muito sarcasmo e ironia, Rita muda o rumo da narrativa colocando seu humor e assim modificando o rumo da eu lírica. Além disso, o ritmo alegre ainda ajuda na construção da leveza que a canção traz, mesmo diante de um assunto tão pesado.

Longe de procurar uma forma melódica para um conteúdo verbal preexistente, a arte de um compositor é, então, descobrir e organizar as várias formas do que Tatit chama de “camuflagem da fala nas tensões melódicas”, a fim de regular e ordenar melódica e ritmicamente as variáveis expressivas da fala pura — que são essencialmente instáveis —, transferindo essas zonas significativas de tensão para o texto, onde podem adquirir a forma temática de uma separação amorosa, da mobilização de um personagem para a ação ou de uma conversa coloquial. (TREECE, 2004, p.9).

Portanto, a arte do compositor está além de criar melodias e escrever, é preciso organizar e sincronizar de maneira muito perspicaz as ferramentas da textualidade e musicalidade para assim alcançar o sentimento máximo no ouvinte. Tatit descreve esse momento com grande clareza:

A voz que fala, esta sim prenuncia o corpo vivo, o corpo que respira, o corpo que está ali, na hora do canto. Da voz que fala emana o gesto oral mais corriqueiro, mais próximo da imperfeição humana. É quando o artista parece gente. É quando o ouvinte se sente também um pouco artista. (TATIT, 1996, p. 16)

6. Acordes finais

Ao começar esta pesquisa, quis explorar as múltiplas formas de abordar o amor na canção, a partir da análise de uma canção de Rita Lee, que se relaciona a um conjunto amplo de canções/poemas que abordam o amor, ao longo da nossa história. Rita Lee parece dizer, em várias de suas canções que esse tema tão recorrente pode e deve ser pensado/cantado/escrito/vivido em sua multiplicidade e leveza.

Por acreditar que a música é, acima de tudo, uma forma de comunicação que pode carregar diversas ideologias, considerei de extrema importância pesquisar sobre uma cantora que nunca teve medo de romper com os estereótipos, seja na sua vida artística ou pessoal. Pensar em Rita Lee, é pensar em uma mulher com uma força incomparável, que transbordava intensidade, uma figura feminina fundamental na luta das mulheres. Analisar suas canções é compreender o que elas representam na sociedade e suas contribuições na vida do ser humano, sobretudo na vida da mulher. Realizei leituras sobre a vida da rainha do rockbrasileiro, assim como obras com a temática amorosa e, também, estudos que mostram todo o processo da composição musical. É importante enfatizar que pretendo desenvolver esta pesquisa e transformá-la em algo maior.

Em entrevista, Rita diz que por ser mulher, ela escancara os tabus, mas não revela os mistérios. E foi assim durante toda a sua vida, escancarando os tabus e encorajando outras mulheres a buscarem também essa liberdade. Com pensamentos sempre à frente do seu tempo, ela colocava suas ideologias em forma de canções, assim como falava de amor de uma forma incomum e pouco aceitável vinda de uma mulher. O que me deixou mais interessada em pesquisar sobre essa representação do amor nas canções da Rita Lee, foi o fato dela não negar o amor, no entanto, mostrar que há outras formas de amar, e também de encarar o fim desse amor.

Foram lidos diversos textos sobre a temática amorosa. Entre esses textos, destaco especialmente o livro de Jurandir Freire Costa, *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* (1998), que desenvolve uma leitura válida sobre o percurso do amor na sociedade, sua construção histórica e social, levando esse sentimento a virar uma crença universal. Além disso, o livro traz diversas pautas importantes, como a sexualidade feminina e seus tabus. Todos esses assuntos se correlacionam, indiretamente, com o que Rita expressa em suas obras, desde a problemática da idealização do amor e do objeto amado até a vida sexual das mulheres.

No decorrer da pesquisa e análise da canção “A favorita”, foi possível verificar que o amor não é natural, entretanto, fomos ensinados que amar é uma ação incontável e inerente ao ser humano. Como exposto no corpo deste TCC, compreender o amor como uma crença é, sobretudo, perceber que existe uma construção histórica, social e cultural que, muitas vezes, causou muitos danos ao que hoje conhecemos como amor. Portanto, interromper a propagação da idealização desse sentimento é essencial para o bem estar humano, em que a leveza é o principal sinal de amor vivido em sua multiplicidade e contradição, como reinvenção da vida, não como lamento, determinação ou violência.

Além da compreensão da temática amorosa, foi possível entender e apreciar os diversos artifícios utilizados no processo de composição. Pesquisar sobre a importância da relação dialógica ou intertextual com uma canção anteriormente produzida, da textualidade e a da musicalidade em canções, especialmente nas da Rita Lee, me fez admirar ainda mais o trabalho dos nossos compositores brasileiros, inteligentíssimos. Ademais, fiquei totalmente tomada por um sentimento único de gratidão por simplesmente poder usufruir dessas obras e assim sentir emoções tão verdadeiras e singulares, construídas a partir desses mecanismos no processo melódico. Friedrich Nietzsche (1844) foi muito perspicaz quando disse que a vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio.

Em 8 de maio de 2023, em São Paulo, na sua residência, faleceu Rita Lee Jones, aos 75 anos de idade. A cantora foi diagnosticada com câncer de pulmão em 2021. Quando iniciei esta pesquisa e comecei a entender melhor o que realmente significou a vida de Rita Lee, entendi que ela seria eterna e a morte não seria capaz de apagar uma trajetória como a dela. Foram alguns anos pesquisando sobre a rainha do rock brasileiro, a sensação que tive foi de intimidade com a cantora, como se a conhecesse de perto. Então, saber de sua partida me deixou extremamente triste, mas ao mesmo tempo eternamente grata por ter tido a oportunidade de viver no mesmo país que ela, e além disso, ter o privilégio de conhecer mais profundamente sua história através desse projeto. Em “Saúde” (1981), Rita diz que: “Mas enquanto estou viva e cheia de graça, talvez ainda faça um monte de gente feliz”. E assim ela o fez, e continuará fazendo para sempre.

Por fim, finalizar esta monografia tem um valor sentimental muito grande para mim. Durante todo esse processo eu senti um turbilhão de emoções, e hoje a bagagem que levo está além da minha vida acadêmica, os conhecimentos que adquiri ficarão para sempre comigo, tanto na minha vida profissional quanto na pessoal. Entender o amor e suas múltiplas possibilidades, assim como ter certeza da importância desse fenômeno chamado Rita Lee, principalmente na vida das mulheres, me faz ter convicção de que estou no caminho certo.

Dona de uma mente visionária, em 2016 a cantora lança sua autobiografia, livro que se tornou um best-seller e foi indicado ao prêmio Jabuti de biografia e capa. Na obra, Rita faz uma profecia sobre sua morte, e como sempre, com bastante humor. Então, é com essa profecia que finalizo este trabalho, como forma de homenagem a nossa “Ovelha negra”, assim como ela previu que seria.

Quando eu morrer, posso imaginar as palavras de carinho de quem me detesta. Algumas rádios tocarão minhas músicas sem cobrar jabá, colegas dirão que farei falta no mundo da música, quem sabe até deem meu nome para uma rua sem saída. Os fãs, esses sinceros, empunharam capas dos meus discos e entoarão “Ovelha negra”, as tvs já devem ter na manga um resumo da minha trajetória para exibir no telejornal do dia e uma notinha no obituário de algumas revistas há de sair. Nas Redes virtuais, alguns dirão: “Ué, pensei que a véia já tivesse morrido, kkk”. Nenhum político se atreverá a comparecer ao meu velório, uma vez que nunca compareci ao palanque de nenhum deles e me levantaria do caixão para vaiá-los. Enquanto isso, estarei eu de alma presente no céu tocando minha autoharp e cantando para Deus: “Thank you Lord, finally sedated”.

Epitáfio: Ela nunca foi um bom exemplo, mas era gente boa.
(LEE, 2016)

Referências

CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DIANA, Daniela. Romantismo no Brasil. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/romantismo-no-brasil/>. Acesso em: 5 out. 2023

FRAZÃO, Dilva. **Resumo da biografia de Rita Lee. Ebiografia**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/rita_lee/. Acesso em 05 de outubro de 2023.

LEITÃO, Egídio. Rita Lee: balacobaco. **Música Brasileira**, 2004. Disponível em: <https://musicabrasileira.org/rita-lee-balacobaco/> . Acesso em: 6 out. 2023

LEE, Rita. **Rita Lee**: Uma autobiografia. São Paulo: Globo, 2016.

NASCIMENTO, Anderson. Resenha do CD Balacobaco/ Rita Lee. **Galeria Musical**, 2004. Disponível em: <https://www.galeriamusical.com.br/resenhas.php?url=16-rita-lee-balacobaco>. Acesso em: 5 out. 2023

NORONHA, Larissa. Rita Lee: relembre a biografia da rainha do rock brasileiro. **Letras**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/rita-lee-biografia/>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

PESSANHA, José Américo Mota. Platão: as várias faces do amor. In: NOVAES, A. Os sentidos da paixão. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

TANCREDI, Silvia. Rita Lee. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/rita-lee.htm>. Acesso em 05 de outubro de 2023.

TREECE, David. Melodia, texto e o cancionista. Teresa - revista de literatura brasileira, São Paulo: Edusp, 1 996, 322 P.].

QUEIROZ, Zeno. A dicção do cancionista: percurso de um conceito. Estudos semióticos [online], volume 17, número 3. Dossiê temático: “Semiótica, Música e Canção”. São Paulo, dezembro de 2021, p 66-82. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 5 out. 2023.

SANCHES, Pedro Alexandre. **UOL**, 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2910200316.htm#:~:text=O%20t%C3%ADtulo%20vem%20de%20g%C3%ADria,do%20cacete'%22%2C%20reverencia>. Acesso em: 6 out. 2023.